

Oportunidade ou ameaça?

Nos tempos que correm, a internacionalização e o empreendedorismo são temas em voga e que pululam nos media enquanto factores dinamizadores da economia nacional. Se o número de vezes em que aparecem referenciados em jornais, revistas, tv e internet contribuísse para a economia nacional, decerto não estaríamos em recessão. Urge, por isso, desmistificar o seu contributo.

Numa das correntes teóricas mais conhecidas no âmbito da internacionalização, é assumido que o processo de internacionalização deve ser encarado como um processo incremental de obtenção de conhecimento dos mercados externos, obtenção de recursos e de redução da incerteza. Actualmente, as vicissitudes do comércio internacional propiciam o nosso posicionamento pela diferenciação (via inovação, qualidade, design, entre outros) dos produtos/serviços oferecidos. A consolidação deste posicionamento, desprovido da visão míope da política de baixos salários como modelo competitivo, permitirá criar bases para a competitividade da economia portuguesa no mundo globalizado em que vivemos. Como tal, ciente de que uma relação sustentável com o mercado externo depende de uma visão a longo prazo para a economia portuguesa, parece-me claro que o mercado interno não deve ser descurado como tem sido até aqui. No entanto, apesar do mercado interno ter caído em esquecimento, existe um fenómeno emergente a que o actual executivo não tem poupado esforços para o tornar visível. Paralelamente ao apelo da internacionalização, última centelha de fé para o crescimento económico sebastianista (ele aparecerá um dia),



Gonçalo
Nuno
Rodrigues
Brás

assiste-se, no plano interno, a um incentivo generalizado ao empreendedorismo.

O empreendedorismo, associado à capacidade de inovação, criatividade, dinamismo, autonomia e sentido de oportunidade, poderá alimentar a internacionalização da economia portuguesa potenciando a sua diferenciação, a qual, em oposição à competitividade pela redução dos custos de produção, poderá fazer a diferença no exigente mercado externo. Neste sentido, convém diferenciar o empreendedorismo por necessidade do empreendedorismo por oportunidade. O primeiro está associado à criação de auto-emprego devido ao emprego que se perdeu ou à própria saturação do mercado de trabalho. Já na segunda tipologia, o empreendedorismo gravita em torno da identificação de uma oportunidade para colocar no terreno uma ideia inovadora. Se, no caso do empreendedorismo por necessidade, o valor acrescentado gerado é residual e efémero para a economia, o empreendedorismo por oportunidade, por vezes associado ao empreendedorismo de base tecnológica, é gerador de um elevado valor acrescentado para a economia.

Terá a onda empreendedora rebentado no nosso país por necessidade ou por oportunidade? Será que o apelo ao empreendedorismo na economia nacional tem como objectivo aproximar-nos das nações mais empreendedoras do mundo, como é o caso da Zâmbia ou do Uganda? Em benefício do desenvolvimento económico nacional, urge que o papel do empreendedorismo se faça em prol do processo de internacionalização e não em seu prejuízo.

Economista